Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Organizacional

Caras Calouras:
Reflexões sobre a primeira turma de Comunicação Organizacional

LUIZ GUSTAVO DE JESUS DANTAS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, orientada pela Profa. Dra. Elen Geraldes

Brasília, dezembro de 2017

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Comunicação Organizacional

Caras Calouras:
Reflexões sobre a primeira turma de Comunicação Organizacional

LUIZ GUSTAVO DE JESUS DANTAS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, orientada pela Profa. Dra. Elen Geraldes

Brasília, dezembro de 2017

LUIZ GUSTAVO DE JESUS DANTAS

CARAS CALOURAS: REFLEXÕES SOBRE A PRIMEIRA TURMA DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Comunicação Organizacional, orientada pela Profa. Dra. Elen Geraldes

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Profª. Drª. Elen Cristina Geraldes (FAC/UnB)

_____

Luísa Martins Barroso Montenegro (FAC/UnB)

_____

Natália Oliveira Teles da Silva (FAC/UnB)

_____

Rosa Helena Santos de Jesus (FAC/UnB)

Dedico esta carta às calouras que leram seus nomes
nas listas de aprovados do PAS, do Enem, do vestibular.
A todas elas para que não deixem o bastão cair.

AGRADECIMENTOS

Obrigado à imensa teia de afetos na qual vivo: à família, pelo amor, pelas oportunidades, pelos conflitos e pelas doações; às amigas e amigos que não desistiriam de mim; à Faculdade de Comunicação, porque aqui é tão gostoso que tenho medo de ir embora; a docentes, técnicos, colegas, a melhor parte da história; a minha orientadora, Profª Drª Elen Geraldes, por fazer acontecer, com tanta paciência e carinho; ao curso pelo que é e pelo que não é; e à vida, porque continua.

"Escola é o lugar em que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegra, se conhece, se estima."

Paulo Freire

RESUMO

Este ensaio, em forma de carta, tem por objetivo compartilhar aprendizados, experiências e vivências da primeira turma de Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília, às calouras. Opta pelo gênero feminino como uma homenagem à preponderante participação feminina no curso. Por meio de uma metodologia da missiva, explica o começo do começo, em que chegamos à instituição, no primeiro curso noturno da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Mostra as formas de ler da FAC, com autores, conceitos, teorias que nos tornaram críticos em relação à área escolhida. Fala sobre a experiência de produzir um trabalho de Conclusão de Curso e, por fim, resume o que foi ver esse pioneirismo, conclamando as novas gerações para que vivenciem o curso e o transformem.

Palavras-chave: Comunicação Organizacional. Primeira turma. Faculdade de Comunicação da UnB. Carta.

ABSTRACT

This essay, in the form of a letter, aims to share learning, experiences and experiences of the first group of Organizational Communication of the University of Brasília, to the freshmen. It opts for the female gender as a tribute to the preponderant female participation in the course. Through a methodology of the missive, explains the beginning of the beginning, where we arrived at the institution, in the first night course of the Faculty of Communication of the University of Brasilia. It shows the ways of reading the FAC, with authors, concepts, theories that have made us critical regarding the chosen area. He talks about the experience of producing a Course Completion work and, finally, summarizes what it was like to see this pioneering spirit, calling on the new generations to live the course and transform it.

Keywords: Organizational Communication. First class. Faculty of Communication of UnB. Letter.

SUMÁRIO

O começo do começo, p. 10.

Formas de ler da FAC, p. 13.

Amargo fim, p. 19.

Queridas colegas, p. 24.

Referências, p. 29.

O começo do começo

No começo, a palavra.

Este ensaio não nasce da maturidade, da constatação que a experiência pode orientar os mais novos e ensiná-los, nem para evitar que cometam os mesmos erros ou incentivá-los a fazer os mesmos acertos.

Ele é uma carta, um veículo comunicacional por excelência, em que um autor-sujeito diz eu, diz meu, diz aqui e se dirige a outro ou a outrem, construindo uma narrativa de si, conforme ensina Silva (2002) em seu estudo sobre o que chama de "gênero epistolar". Aliás, a autora, há 15 anos, defendia a sobrevivência das cartas mesmo diante de um crescente movimento tecnológico que levava para telas de computadores e celulares mensagens anteriormente produzidas no papel. Ela ainda apresentar a carta como precursora de outros gêneros literários:

> [...] a carta é gênero que teve importante influência no surgimento e na formação de outros gêneros textuais. [...] À época, as cartas guardaram um papel fundamental na constituição do pensamento moderno, apresentando-se naquele contexto como verdadeiro sistema de circulação pública de idéias. Elas possuíam uma dimensão ensaística, por darem notícias de trabalhos filosóficos, científicos e literários concluídos ou em andamento; por relatarem descobertas e invenções, viagens e expedições, etc. (SILVA, 2002, p. 55)

Pouco e mal, as cartas sobreviveram. Talvez, hoje tenham virado, sobretudo, um recurso para a cobrança de contas. Escolho este gênero *vintage* porque quero falar de mim (um sujeito atravessado por uma identidade profissional) sem descartar o olhar comunicacional voltado para a compreensão, a legibilidade e a interação, e quero falar de um curso novo, de suas promessas, limites e possibilidades. Eu também cometo esta carta como um ato de rebeldia contra certo determinismo tecnológico que parece padronizar as análises sobre as práticas comunicacionais, submetendo-as às novas tecnologias, determinismo otimista, mas ainda assim autoritário, pois enxerga somente a vocação das tecnologias de facilitar, de iluminar, de possibilitar.

O principal objetivo deste ensaio é iniciar um diálogo. Temos de falar mais, expor mais argumentos e emoções, modificar e sermos modificados pelos argumentos

e ideias de outros, produzindo o que Pierre Levy (1998) chama de inteligência coletiva. Para ele,

> [...] a inteligência culturalmente constituída não é mais fixa ou programada como a do cupinzeiro ou a da colméia. Por meio de transmissão, invenção e esquecimento, o patrimônio comum passa pela responsabilidade de cada um. A inteligência do todo não resulta mais mecanicamente de atos cegos e automáticos, pois é o pensamento das pessoas que pereniza, inventa e põe em movimento o pensamento da sociedade. (LEVY, 1998, p. 30)

Para Habermas (1984), isso é uma ação comunicativa, a única forma de agir com consciência moral nos tumultuados dias atuais. Para o autor alemão, aliás, nem sempre os consensos são possíveis ou desejáveis, mas estar aberto para o outro é fundamental.

O outro objetivo desta carta é contribuir para a consolidação de uma memória do curso. As organizações muitas vezes prezam por seus lucros materiais ou simbólicos, ou ainda por seus ganhos de imagem – elas querem estar bem ou pelo menos parecer bem para seus públicos. Mas raramente as organizações refletem ou se alimentam de seu passado. Contribuir pra essa memória organizacional é também uma homenagem a este jovem curso.

Para isso, vou misturar o relato de experiências, de opiniões e de vivências, com autores e teorias que refletem sobre cartas, sobre comunicação organizacional e sobre possibilidades de atuação nesta área profissional em um momento de grande instabilidade política, econômica e institucional. Um momento de incertezas.

Vou dividir esta carta em três momentos. O primeiro fala de minha chegada ao Curso de Comunicação Organizacional, na primeira turma oferecida pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em 2010, um curso pioneiro no Brasil e um dos primeiros de graduação no mundo. No segundo, eu mergulho no curso e em suas vocações e também em meu processo de amadurecimento acadêmico e profissional. No último, falo das possibilidades, dos limites, dos caminhos que se abrem e se fecham.

A metodologia ou o caminho escolhido para conduzir esta epístola é a fluência narrativa. Sou aqui também um contador de histórias, como definido por Benjamin

(1987). E utilizo fortemente para minha voz, outras leituras, faço aqui uma leitura das leituras que realizei nestes sete anos. Esta carta é, portanto, escrita a partir de outras cartas, muitas cartas, endereçadas a mim por autores e autores que falaram de Comunicação Organizacional, do Brasil, de profissão e da contemporaneidade.

Formas de ler da FAC

Trilhas de letras.

Algo sobre mim: sempre adorei ler, mas raramente lembro os nomes dos livros. Sempre gostei de textos curtos, pois sinto que meu fôlego termina depressa. Mas ao folhear os cadernos e pastas que mantenho do curso, consigo perceber que essas leituras rápidas ajudaram a compor uma trilha. No fim da trilha estou eu, profissional (será?), mais maduro (acho), mais curioso.

Na primeira turma, tínhamos de estar juntos. A UnB à noite era uma solidão só. E chegavam até nós histórias de arrastões, de assaltos e roubos de carro, de bandidos do estacionamento, muito vazio e muito escuro. Também aprendemos a ler juntas, por meio de uma "metodologia" de comunicação organizacional.

Eu fico com muitas saudades. As aulas costumavam ser uma oscilação entre o luxo total do Datashow e das cadeiras almofadas, graças ao dinheiro do Reuni, e o calor de 50º.C retido pelo concreto do Instituto Central de Ciências, o ICC., sem ar condicionado. Era o mal estar na civilização. Conversávamos muito até as professoras e os professores chegarem, como se fosse ensino médio, mesmo ("o que você fez no fim de semana?", "E aí: pegou?", " Você viu aquela série?"), e quando ele ou ela chegava era feita a chamada. Raramente se passava a lista. Depois, se ligava o projetor e víamos um exemplo – um anúncio publicitário, um vídeo, uma matéria de televisão. Comentávamos à exaustão – alguns e algumas alunas comparando com outras situações parecidas, com nossas experiências de vida, e até com os textos que havíamos lido em casa. A professora ou o professor amarrava texto e vida, livro e práticas sociais, teorias e cotidiano, com mais ou menos talento e entusiasmo.

Fizemos muitas leituras mais técnicas, sobre produtos que os comunicadores organizacionais deveriam produzir ou avaliar. Por exemplo, identidade visual. O/A professor/a trazia exemplos de identidade visual de organizações. Líamos textos que soavam como alertas – nada de criar uma identidade deslocada da imagem e da visão da organização. E produzíamos as nossas, em geral comentadas pelo professor ou professora minuciosamente.

Não era apenas técnica. Nunca foi. Sempre fomos motivadas e motivados a pensar que os produtos não poderiam ser apenas bonitinhos. Eles dialogavam com a

organização, com seus públicos, com as outras imagens existentes no cenário. Às vezes éramos estimuladas e estimulados a fazer diferente, a criar e ousar na linguagem, na forma.

Eu me lembro muito da expressão "apagar incêndio". A professora ou o professor falava do tempo alucinado da Comunicação, e isso em geral provocava o silêncio da turma. Afinal, para muitas e muitos de nós, as únicas atividades obrigatórias do dia eram ir para a aula à noite. Sobrava tempo para ver a sessão da tarde e séries, ouvir música, aproveitar baladas. Éramos advertidas e advertidos: a Comunicação tem pressa e acumula pequenos e grandes incêndios do cotidiano. E continuavam: no enlouquecedor mundo dos prazos, a/o profissional não pode esquecer que os produtos não estão isolados de todo um plano de comunicação, uma política de comunicação.

Não me lembro do nome das autoras e dos autores técnicos que líamos. Mas me lembro das discussões, da forma cuidadosa como os "cases" eram apresentados, da vinda de profissionais para debaterem conosco e trazerem exemplos e provocações. E me lembro de ter de fazer, do meu jeito, os vídeos, as logos (logomarcas), as campanhas, as matérias.

Acho que se o curso ficasse exclusivamente nessa dimensão técnica, teria havido uma debandada geral. Um processo coletivo de transferências. Não porque "colocar a mão na massa" fosse chato ou mal explicado, pelo contrário, até eu, perdido na profissão, adorava vários daqueles conteúdos. Mas porque sabíamos que o aprofundamento da técnica estava em outras habilitações. Ninguém dava conta de escrever como um jornalista, fazer filmes como alguém de rádio, criar campanhas como uma publicitária e ainda pensar em eventos como uma relações públicas. Conhecer e executar essas atividades todas eram fruto da deliciosa megalomania de um curso que ousava propor uma Comunicação Integrada, assim compreendida por muitas e muitos de nós: devemos saber um pouco de todas as habilitações, embora, no mundo real, nós vamos apenas contratar e supervisionar outras pessoas para fazerem o que precisamos. Vamos ser chefes (uau!).

E então aprendemos a planejar.

Uma segunda dimensão do curso, que reforçou nossa autoestima e a forma como enxergamos nosso lugar no mundo comunicacional foi a dimensão estratégica.

O argumento era o seguinte; devemos saber fazer produtos comunicacionais bem feitos, mas temos de pensar para quem fazer esses produtos, ou por quê fazê-los. Com quem vocês estão falando ou querem falar? A Comunicação é um diálogo (ou um negócio?) e implica pesquisar, ter objetivos, planejar as melhores formas de atingi-los e avaliar, do início ao fim, tanto os produtos quanto os processos. Verificar os custos. Identificar os benefícios. Aprender com a experiência e fazer melhor da próxima vez.

Se há uma autora símbolo dessa dimensão estratégica é Margarida Kunsch. Ela ensina, adverte, ameaça e inspira para que a gente analise o ambiente e o cenário, some objetivos, calcule recursos e faça um Plano de Comunicação. Aprendemos a ter respeito, também, pelos planos de marketing.

Dessas leituras e aulas, eu me lembro da impressão de que há uma distância grande entre planejar e executar, algo que a teoria não cobria totalmente. Nós nos defrontamos sempre com algum imprevisto, surpresa, mudança, pois o mundo das organizações me parece dinâmico demais para ser contido em um plano. O Cebolinha e o Cascão, da Turma da Mônica, nos ensinaram que os planos falham.

Mas eu nunca teria feito estágio se não tivesse sido empoderado por essa visão estratégica da Comunicação Organizacional. E ao chegar ao estágio, eu e outras colegas percebemos que o que falávamos as organizações precisavam ouvir.

Ler Margarida Kunsch e outras pioneiras, como a estadunidense Linda Putnam, foi muito importante porque elas nos mostraram as mudanças na área de Comunicação Organizacional, que nasce com o Fordismo para "ensinar" aos trabalhadores e às trabalhadoras as normas das organizações e prepará-los/las de certa forma para vestirem sorrindo a camisa das empresas. Não era uma área crítica, mas sim, voltada para impulsionar o capitalismo e a produção. Lembra Kunsh (2006):

> Elas [as empresas] criaram os seus departamentos de relações públicas, trazendo as experiências de suas matrizes. No âmbito interno, o jornalismo empresarial ganhou força com a produção dos boletins informativos. As agências de propaganda procuraram se estruturar para atender bem a seus clientes, que faziam altos investimentos em comunicação massiva. Para tanto, também montaram suas divisões de relações públicas. Assim, a comunicação empresarial no Brasil de fato começou a se destacar com a aceleração do desenvolvimento econômico, político e social (KUNSCH, 2006, p. 23).

É curioso como os primeiros textos soam como manuais – faça reuniões em menos de 30 minutos, seja amado por seus clientes, convença os seus subordinados a te obedecerem. Essa fase de construção durou muito, mas foi interrompida ou transformada por mudanças no cenário, como a globalização e a crise do modelo produtivo na qual não havia mais camisa a ser vestida por esse trabalhador. Há conquistas de direitos trabalhistas, preocupação com os ambientes de trabalho, com a cultura e com o clima organizacional e a emergência e visibilidade de grupos que querem ter voz. Ao mesmo tempo, as mudanças tecnológicas não trazem apenas bem-estar, mas também a opressão do celular sempre ligado, das mensagens chegando, do tempo livre colonizado pelo trabalho.

A Comunicação Organizacional não é apenas o instrumento da empresa, mas também uma área crítica e interpretativa dos fenômenos do capitalismo. Uma área militante do que Kunsch chama de necessidade de humanização.

Percebo, nas leituras que fizemos, a passagem de uma visão exclusivamente mecanicista e técnica para outra mais simbólica. As organizações são vistas em construção: nascem, crescem, desenvolvem-se, morrem. São lugares nos quais as pessoas cultivam amores e ódios, parcerias e rupturas, inimizades e afetos. Nas organizações há heróis, há mitos, há lendas.

Ser estratégico é mais do que saber fazer planos de comunicação.

O interessante é que nessa construção da área de Comunicação Organizacional, efetivada nas noites abafadas da FAC, fomos lendo e compartilhando leituras de áreas e temas afins. Lemos sobre marketing, sobre recursos humanos, administração e psicologia das organizações, muitas leituras sobre internet, mídia, criatividade, consumo. Como já escrevi antes, eu não era dos mais empenhados, mas era impossível não ver o esforço das/dos docentes para dar substância aos futuros comunicadores. Eu me encantava pois as professoras e professores traziam de sua formação, de suas pesquisas, de suas vivências, os conhecimentos que dialogavam com nossa formação. Elas e eles também estavam tendo se tornar comunicadores organizacionais.

O nosso curso é técnico?

Eu não tenho certeza, mas acho que não. Primeiro, porque as áreas técnicas, como eu escrevi, sempre eram problematizadas. Havia um convite ao faça você

mesmo, faça diferente. Veja como é feito, mas não precisa ser assim. Segundo, porque houve um convite para a pesquisa, para escrever artigos nas disciplinas, participar de congressos, fazer iniciação científica, um convite para se tornar autora e autor. E cada temática era enriquecida pelas nossas e nossos professores, que nem sempre eram experts em didática, mas com certeza não eram gente que reproduzia meramente os conhecimentos.

Mexendo em pastas velhas – como falei, sou de uma geração da xerox, não do PDF -, encontrei alguns temas e textos que nem eram técnicos, estratégicos ou afins à Comunicação Organizacional.

A gente também leu o mundo neste curso, colegas.

Quantos textos sobre o tempo, a contemporaneidade, as mudanças, as continuidades, as rupturas, a solidão, a guerra e a paz!

Textos sobre gênero, orientação e identidade sexual, preconceito, representações sociais, representatividade. Muitas feministas foram formadas aqui.

Textos sobre raça, cor, etnia, discriminação. Várias amigas e amigos e também eu nos descobrimos negras e negros dessa forma.

Textos sobre o Brasil, a democracia, o futuro, a soberania, a desigualdade, as transformações, as recorrências. Muitas e muitos de nós se juntaram aos movimentos estudantis assim.

Textos sobre ética, moral, escolhas, autonomia, liberdade, opções e falta de opções, responsabilidade. Muita gente desistiu de muita coisa e abraçou outras, por esses textos.

Tantas leituras que talvez tenham sido apressadas, incompletas, antes da aula, que foram manchadas pelos dedos engordurados por lanches da UnB... leituras que geraram seminários um pouco disformes, improvisados e mal ensaiados, divididos precariamente entre colegas do grupo. Mas essas leituras me formaram e informaram. Acho que o forte do curso não são os conceitos. Se eu tivesse que fazer uma prova agora, em que citasse dez conceitos, com seus autores, não chegaria à temida média mínima, ou MM. Eu faltaria nessa aprova.

Mas se a avaliação fosse sobre como essas leituras me tocaram, me modificaram, me fizeram alguém diferente, eu passaria com louvor. Eu vou dividir com vocês uma certeza que me toma desde a primeira aula: ninguém é formado, a

gente se forma, com a parceria das e dos colegas, das e dos professores, com a aura da universidade, com essa soma imperfeita, incompleta e instigante de leituras.

Neste curso, amigas, a gente lê o mundo.

Um amargo fim

Queridas, eu venho até vocês para dizer que terminar este curso é muito, muito difícil. Pelo menos para mim.

Não emplaquei em nenhuma disciplina exotérica de cálculo, de forma nenhuma. Nossa matriz curricular é muito sensata e permite que estudantes com algum planejamento, organização e dedicação tenham êxito. Eu simplesmente não conseguia terminar o Trabalho de Conclusão de Curso.

Os TCCs são uma das únicas unanimidades nos cursos de comunicação, isto é, são exigidos em instituições públicas e privadas, de Norte a Sul, com algumas variações. São uma tradição de décadas – pesquisei seu início e não encontrei – e permitem que a gente escolha o tema e o formato que mais nos toca.

A maioria de meus colegas queria contribuir para o curso e fazer algo muito comunicacional, muito organizacional. Então pipocaram os planos de comunicação e as ações de planejamento, embora a produção de vídeos, de campanhas e de reportagens também tivessem espaço. Surgiam também estudos sobre a mobilização política alavancada pelas mídias sociais, centrados nos países árabes – as manifestações no Brasil ainda não haviam deslanchado. Eu achava tudo isso muito importante, muito necessário e muito chato.

O fato é que eu não conseguia me decidir.

Quando a cantora Amy Winehouse morreu, isso me tocou muito. Gostava de sua voz rouca, das letras iconoclastas, do estilo exagerado, da rebeldia e da vulnerabilidade. Então resolvi tentar compreender o fenômeno Amy à luz da comunicação

Eu fiquei muito interessado. Li muito. Encontrei na abordagem da antropologia uma possibilidade de compreender os heróis, os mitos, as celebridades. Concordo com Joseph Campbell (1949) sobre o poder do mito, que é o poder de descobrir como nos sentirmos vivos, como desligarmos o piloto automático e tentarmos, minimamente, comparecer à nossa própria vida. E também acho muito bacana quando ele diferencia heróis e celebridades. Os primeiros sacrificam a sua vida para algo maior, para a comunidade, para a humanidade. As segundas passam rápido e são temporárias, porque mesmo que tenham talento, almejam principalmente sucesso

e dinheiro e não conseguem enxergar muitas vezes além delas. Gosto quando ele tenta arquitetar um novo herói para os tempos atuais:

> A tarefa do herói, a ser empreendida hoje, não é a mesma do século de Galileu. Onde então havia trevas, hoje há luz; mas é igualmente verdadeiro que, onde havia luz, hoje há trevas. A moderna tarefa do herói deve configurar-se como uma busca destinada a trazer outra vez à luz a Atlântida perdida da alma coordenada. (CAMPBELL, 1949, p. 194)

Acho que Amy foi uma heroína, trágica e infeliz, de certa forma, mas ligada a uma voz interior. Me parece que ela queria ser mais do que a diva da vez.

Penso que a Comunicação é um lugar muito especial para compreender como os mitos se formam hoje, pois eles têm de ser divulgados, ter visibilidade. A linguagem e suas estratégias também são temáticas interessantes para compreender o surgimento, a ascensão e a queda de um fenômeno midiático – seja ele mito ou celebridade.

Eu queria compreender o anonimato, e porque ele parece o sinônimo de infelicidade, de não ter dado certo na vida. Busquei analisar a aparente contradição entre o fracasso dos anônimos e o sucesso dos famosos, e como esse sucesso depende da aceitação e da aprovação contínua dos outros.

Por que publicar tudo da própria vida? A festa, a viagem, o encontro, o filme, a comida? E por que editar essas publicações, para que sempre a gente apareça bem, bonito, feliz, satisfeito, realizado?

As leituras sobre uma sociedade que se transforma pelas tecnologias foi muito rica. Vi Levy, Recuero, Castells. Mas o curioso é que essas transformações podem mudar nosso modo de agir e de relacionar, mas são, muitas vezes, inúteis na vitória contra a solidão. Ou pior, elas podem significar o aumento da solidão, um afastamento povoado de likes e deslikes, de mensagens e posts que não diminuem a profunda incapacidade de comunicar, de conseguir ouvir e de conseguir ser ouvido.

Meu TCC era sobre Amy, que eu amava, eu li bastante, então o final foi feliz, não foi? Como diria a cantora: *No, no, no*. Eu reprovei por duas vezes, e sempre começava o semestre bem, imbuído de boas intenções, tinha energia para as leituras e fichamentos, chegava a discutir com minha orientadora aspectos fundamentais do

texto, mas o documento em branco do Word continuava em branco. Travei. Não dei conta. Desisti.

Ao olhar com um certo distanciamento todo o processo, percebo três questões. A primeira é que há uma grande diferença entre ler e escrever. As leituras nos alimentam, nos acalentam, e até nos questionam, mas o processo é interno, sem prazo. Elas não têm regras muito rígidas. Eu acredito que nesse momento de empoderamento dos leitores, em que as obras, segundo Umberto Eco (1968), são obras abertas, o lugar da leitura é um lugar muito sereno, embora não estático. Se concordou com o final do livro? Curta, escreva uma resenha, assista ao filme, sonhe. Se não concordou? Bora escrever uma ficção de leitores em que você ressuscita Snape de Harry Potter, por exemplo, casa a Bella de Crepúsculo com o lobisomem fofo ou desenvolve um pouco de autoestima na sonsa da Anastasia, de 50 tons de cinza. Em obras mais "sérias", é só ler o intelectual contrário e fazer seus os argumentos dele. Inimigo de inimigo meu é meu amigo, pô.

Escrever é outra história. Não nego que ler também envolve responsabilidade com aquele autor e com aquela ideia, mas escrever para a Ciência e para a Comunicação exige uma série de regras. Em geral, não é sobre o que nós gostamos, o quanto queremos ou em um prazo indeterminado. Até a escolha e a colocação de palavras passam pelos olhares rigorosos e claustrofóbicos dos "pares". Vocês já perceberam que eu não me dou muito bem com regras, nem elas comigo, não é?

Eu não conseguia escrever. Uma das razões de minha ruptura – ou distanciamento – da Comunicação eram as promessas falsas. Olhando de fora, era um espaço de criatividade e de liberdade. Quando se chega mais perto, percebe-se que os meios de comunicação estão ligados ao sistema de produção do país. No caso do capitalismo, eles representam as visões de mundo e interesses de quem tem poder político ou econômico. O resto da população é um álibi para se vender produtos, ideias, representações. Para fazer isso, há coisas que podem ser ditas e outras que devem ser escondidas, há uma linguagem que deve ser seguida para agregar mais gente, conseguir envolver e estimular mais pessoas.

Na Ciência, a exigência de regras, acho, tem objetivos mais claros. Faz parte de um esforço para padronizar seus métodos e compartilhar os seus resultados, que

devem ser reproduzidos por qualquer um que queira ou tenha os instrumentos necessários. Tudo bem, eu compreendo, mas eu não conseguia.

O segundo motivo pelo qual eu não podia escrever eu descobri ao ler o livro de Freud (1996), o Mal-estar na civilização. Achei muito interessante como ele mostra que um dos universais da cultura é a proibição do incesto. E essa proibição, tão recorrente e tão extensa, só faz sentido se alguém ou muitos tenham desejado violá-la. Podemos explicar que a espécie humana criou essa proibição para preservar sua descendência e evitar os riscos de malformações, doenças congênitas etc.

Mas Freud via nessa proibição um convite para que cada indivíduo saísse da proteção familiar, representada pelos braços da mãe, e ganhasse o mundo. Enfrentasse os riscos, os dias de frio, os desafios de ser adulto e responsável por si mesmo. O ganho desse afastamento e dessa saída era construir ciência, história e arte.

Claro que partir dói. Mas sem essa dor nunca teremos os ônus e os bônus de sermos adultos.

Percebo que o medo de ir embora fez com que eu procrastinasse o primeiro projeto. Duas vezes. E depois, duas vezes desligado, ao voltar para a universidade, tentei mais uma vez, ainda neste semestre. O tema era encantador para mim: como as religiões afrodescendentes são representadas pela mídia do Distrito Federal?

Passei minha infância e adolescência sendo católico, indo à Igreja, usufruindo do acolhimento representado pela religião e cultivando amizades naquele espaço. Ao me decepcionar e romper com essa história, descobri as religiões afrodescendentes como uma possibilidade de resgatar a questão racial e de ser aceito sem julgamentos.

No projeto sobre Amy Winehouse, eu comprometia minhas entranhas. Nesse projeto sobre religiões, era o meu cérebro que estava engajado. Novamente dispersei, e mais rapidamente que nas vezes anteriores. Como era/ é difícil partir.

Havia outros medos, além de deixar a casa que a FAC foi para mim, durante todos esses anos. Não queria me somar à legião de desempregados, não queria romper com a estável atividade de estudante. Comecei este curso num país cheio de planos, de sonhos, de esperanças. Um país de cabeça erguida. Eu o concluo numa terra arrasada, em que vários grupos perdem direitos. Formar-se é quase uma sentença de desemprego, sem o acalanto do Restaurante Universitário, do passe escolar, da possibilidade de assistência estudantil.

Eu resolvi fazer esta carta porque aqui, além de entranhas e cérebro, eu comprometo o meu coração. Não a escrevo me entregando parcialmente. Eu sou escrito por ela, a história dos meus últimos sete anos, o que ganhei, perdi, deixei para trás e levei comigo.

Queridas colegas,

Rezam os manuais de Metodologia Científica que as considerações finais são apenas um resumo do que já foi feito com um certo traço de autoria. Não pode haver citações, não deve haver novos conceitos ou o caldo do trabalho entorna.

Mas uma carta é diferente, não é? Afinal, a carta é minha, as regras também são minhas. Em se tratando de cartas, pensando bem, esta missiva é nossa. E, para mim, a autoria é uma construção coletiva. Passa por leituras, confronto da teoria com a vida e encontro com outras teorias, associações de ideias, *insights* e descobertas. Valem citações devidamente creditadas. Há muita autoria nisso, não é?

Tenho adiado este momento, vocês sabem, mas chegou a hora de ir. Ouço Maria Rita cantar que "chegar e partir são só dois lados da mesma viagem" e "o trem que chega é o mesmo da partida". Não sou muito pragmático, mas a universidade pública precisa de que alguns saiam para que outros entrem. Só assim continuará pública.

Sei que terminar envolve retomar o que já foi dito, situá-lo, dimensioná-lo. Refletir algumas coisas, deixar perdidas no caminho, outras.

Caminho pelo centro de convivência da FAC. Ele está diferente da época da minha turma, cadeiras vermelhas, mesas, mas o mesmo ritmo frenético de fim de semestre. Grupos se reúnem para dividir trabalhos (*eu faço a primeira parte, você continua falando daquele autor, tá?*). Amizades estremecem, outras se formam. Tem gente que conversa, outros digitam sem parar no *notebook* ou no celular. Tudo muito parecido.

Uma das lições da FAC é a necessidade de formar grupos, equipes, parcerias… sem elas o curso se torna impossível, eu acho. Quando Bourdieu (2007) fala de um ethos, ou seja, do conjunto de valores, de hábitos, de comportamentos de um determinado grupo, ele nos ensina que uma área deixa marcas nos sujeitos que a constituem. E a marca que a Comunicação nos deixa é essa constante interatividade, essa frenética tentativa de compartilhamento.

Claro, nem toda a Comunicação se efetiva. Nem toda troca é uma vitória contra a solidão. Voltando a Hall (2006), ele mostra as transições das identidades do sujeito. O sujeito clássico é alguém muito centrado, confiante, empoderado. Mas a complexidade da sociedade contemporânea exige alguma relação de pertencimento

para que alguém seja reconhecido como sujeito. Os elementos de constituição desse pertencimento são clássicos, como nacionalidade, etnia, gênero. Mas hoje esses elementos se sobrepõem e se contrapõem e servem não somente para construir, mas também para desconstruir identidades, atravessadas pela interseccionalidade. Segundo Hall:

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicas e parecem "fluturar livremente". Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha. (HALL, 2006, p. 75)

Não sou apenas homem, mas também homem negro, baixinho, jovem, classe média baixa, que foi católico e agora é de uma religião afrodescendente etc. O encontro e o desencontro com essas identidades e a desestruturação subjetiva resultante disso me acertaram em cheio.

Meu último olhar antes de ir embora é de uma FAC muito mais plural do que quando cheguei. As questões de gênero, de raça, de classe social, de identidade e orientação sexual estão mais presentes. Em minha opinião, as alunas vindas da escola pública e de uma tradição de militância têm abalado o cenário elitista da nossa Faculdade. Bom, muito bom.

Outra diferença é a explosão das mídias e redes sociais. Sinto orgulho porque nosso curso previu isso. Acho que discutimos muito a importância das mídias digitais para as organizações e a necessidade de que elas fossem pensadas, planejadas, organizadas. Claro, esse crescimento exponencial redobra a necessidade de controle, mas faz com que cada vez mais sejamos controlados, e não controlemos.

Precisamos de uma disponibilidade contínua o tempo todo para as mensagens que não param. Concordo com Han (2015), em A sociedade do cansaço, sobre a necessidade de desempenho, de ter uma boa performance como uma marca de nosso tempo e que nos adoece, nos aniquila, nos devora:

> [...] a sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e um esgotamento excessivos. Esses estados psíquicos são característicos de um mundo que se tornou pobre em negatividade e que é dominado por um excesso de positividade. Não são reações imunológicas que pressuporiam uma negatividade do outro imunológico. Ao contrário, são causadas por um excesso de positividade. O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma. (HAN, 2015, p. 70)

Também acho que essas cobranças não são só internas, mas também externas. A Universidade vive fortemente essas pressões. Também, talvez sobretudo, em nosso curso vejo essa necessidade de sempre ter um sorriso no facebook, um intercâmbio em um país muito legal, um estágio realmente sensacional, uma posição política ou a falta de uma posição. Fico feliz que nosso curso tenha dimensionado a importância de não só se render às mídias sociais, mas também de problematizá-las. Fico feliz, também, porque discutimos sobre o determinismo tecnológico e sobre os seus riscos, mas é claro, também estamos vulneráveis.

Acho que essa discussão não acabou, e tem de ficar mais radical. Comunicação Organizacional é uma área que tradicionalmente sempre defendeu as organizações e conciliou os trabalhadores para vestirem a camisa de seus ambientes de trabalho. De fato, ela tem uma tradição a favor do capital, do lucro, do sucesso. Mas o próprio curso mostrou que a área amadureceu, e passou a ser um espaço crítico, também. O curso tradicionalmente dá muita prioridade a se pensar a comunicação, e menos nas organizações. Nem sempre conseguimos cursar disciplinas na Administração, na Psicologia das organizações, na Sociologia do Trabalho. Senti falta desse olhar para o mundo do trabalho e acho que ele é cada vez mais importante, porque caminhamos para um mundo sem trabalho, no qual contraditoriamente todo o nosso tempo parece tomado pela produção, que se materializa em mensagens sem fim, em posts que parecem lazer, mas são trabalho, em dedos nervosos que não param, nem no cinema, nem no restaurante, nem nos encontros.

Fazer um balanço final é uma tarefa difícil. Não quero enganá-las, estou envolvido demais com o curso para responder se valeu ou não, se faria novamente, para dar conselhos para que vocês tomem este rumo ou evitem o outro. Tenho no máximo opiniões, e elas não são sobre todas as coisas, e também não são muito

confiáveis, pois misturam meu afeto por isto tudo que a UnB representa na minha vida com a minha insegurança, meus medos sobre o futuro. Será que vou conseguir achar um trabalho na área? Será que vai ser um trabalho legal e criativo, em que eu possa me envolver, que eu me sinta fazendo parte? Será que vou conseguir me manter e, quem sabe, até ajudar minha família?

Medos à parte, olho para o curso com imenso carinho, pois ele representou um esforço de professoras e professores que estavam chegando à universidade e, muitas vezes, também descobriam Comunicação Organizacional. Foram anos de construção e de resistência, pois apesar de um currículo muito técnico, sempre se instigou a reflexão e a crítica. Acho que Comunicação tem de ter um pé nos dois mundos. Ela envolve um exigente saber técnico, com muitas facetas como o planejamento, a produção, as linguagens, os meios, os públicos, a avaliação. Mas há também uma dimensão humanística que a Comunicação herda – um espaço para refletir sobre a sociedade, o imaginário, os sujeitos, a contemporaneidade, o tempo, o trabalho, as mudanças e transformações, o capitalismo, a utopia, o discurso.

Ter um pé nos dois mundos, nas duas vocações, torna um curso, acho, mais comunicacional. Em vários momentos, conseguimos isso. Minha turma se apelidava "vamos que dá", pois acreditava na sua capacidade de construir um curso, um turno de aulas, uma profissão. Não era muito... teórica. Mas em alguns momentos, com choros e reclamações, conseguimos pensar.

Inclusive conseguimos perceber que a técnica não pode ser simplificada. Tem de ser pensada continuamente, fundamentada, mudada. O curso não me deixou em débito com essas técnicas, foi profundamente inspirador em algumas áreas. Eu e vários colegas que entramos de olho em Jornalismo, Audiovisual etc, resolvemos ficar, porque, acho, aqui a técnica foi encarada para ser transformada. Construímos um curso com alguma ousadia. E ficamos porque houve acolhimento e afeto por parte de docentes, alunos, servidores.

Essa ousadia esteve presente nos estudantes que assumiram as agências juniores, participaram de eventos, propuseram projetos de pesquisa e abriram e arrombaram várias portas. Foram de mãos dadas, em geral, apesar das tensões e conflitos, como professoras e professoras que também quiserem fazer com que este curso acontecesse.

Agora eu vou mesmo. O chamado daqui é alto, mas eu não posso mais ficar. Agora, manas, é com vocês. Uma carta não acaba quando termina, um curso não termina quando acaba. Boa sorte...

Referências

BECKER, Howard S. **Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Ed. Pensamento, 1997.

ECO, Umberto. **Obra aberta.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1968.

FREUD, Sigmund. **O mal-Estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GERALDES, Elen; MACHADO, Liliane (org). **Questões emergentes de comunicação.** Brasília, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **The theory of communicative action**. Boston: Beacon Press, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HOBSBAWM, Eric J. **Tempos fraturados.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KUNSCH, Margarida. **Comunicação organizacional: complexidade e atualidade**. In Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos, Ed. 18, 2o semestre, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MOURA, Cláudia P.; LOPES, Maria Immacolata V. (org). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

PINHO, Osmundo; SANSONE, Livio (org). **Raça: novas perspectivas antropológicas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVA, Jane Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.